

Apresentação

Quem não tem cão caça com gato: estratégias de busca lexical por tradutores de francês.....163
Magali Sanches Duran

Efeito do uso de dicionários bilíngües escolares na produção escrita de aprendizes de inglês.....181
Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão
Regiani Aparecida Santos Zacarias

O uso de dicionários bilíngües por alunos de Francés Instrumental.....199
Sandra Dias Loguercio

A study of dictionary use in Chinese-English translation by Chinese EFL learners.....221
Jianing He

The effect of signposts on access speed and lookup task success in long and short entries.....235
Robert Lew
Julita Pajkowska

O dicionário monolíngüe para aprendizes em sala de aula: uma ferramenta de ensino/aprendizagem.....253
Edna Maria Vasconcelos Martins Araújo

Aproximación empírica al uso de los diccionarios electrónicos y la adquisición de la competencia léxica traductora.....273
María del Mar Sánchez Ramos

A área da Linguística Aplicada que estuda os dicionários é a metalexigrafia, ou lexicografia teórica.¹ Esta, por sua vez, abrange estudos sobre a história dos dicionários, a análise e avaliação dessas obras, estudos sobre todos os problemas ligados a sua elaboração e sobre os componentes de dicionários, e ainda pesquisas sobre o uso.

Embora em muitos dicionários publicados nos séculos passados se faça referência aos usuários – mencionando expressamente, por exemplo, os aprendizes de língua materna ou de línguas estrangeiras – uma verdadeira preocupação com eles iniciou-se apenas nos anos 30 do século XX, quando os “pais” dos *learners’ dictionaries* (cf. COWIE, 1999) começaram a pensar na elaboração de dicionários que atendessem especificamente as necessidades e habilidades de aprendizes de línguas estrangeiras. Antes deles, Sweet, em um capítulo de seu livro de 1899, e Thorndike, num artigo de 1928, já haviam chamado a atenção para a importância dos dicionários no ensino da língua estrangeira e da língua materna, respectivamente, sugerindo algumas melhorias. Em 1940, o russo Sčerba (ou Shcherba),² o primeiro metalexicógrafo a elaborar uma tipologia de dicionários, dedicou um item aos aprendizes de línguas estrangeiras, propondo dois tipos de dicionários destinados especificamente a eles.

Durante a Primeira Conferência de Lexicografia, realizada em novembro de 1960 na Universidade de Indiana, EUA, Householder (1967, p. 279) expressou essa preocupação na sua célebre frase: “*Dictionaries should be designed with a special set of users in mind and for their specific needs.*” Na década seguinte, Wiegand (1977, p. 101) chamou a atenção para a necessidade de se realizarem pesquisas empíricas cujos resultados pudessem ajudar os lexicógrafos a melhorarem suas obras.

Um método para fazer tais estudos era – e é – a aplicação de questionários. Porém, percebeu-se que as respostas dadas nos questionários expressam apenas opiniões subjetivas assim como afirmações que podem não corresponder à realidade. Embora esse método tenha sido – e continue – válido para se ter uma idéia sobre o uso de dicionários, passou-se posteriormente à observação da utilização efetiva (real, de fato) dessas obras de referência (cf., por exemplo, ARD, 1982) e finalmente à avaliação do efeito dessa utilização (cf., e.g., BENSOUSSAN;

1 No passado, entendia-se *Linguística Aplicada* num sentido restrito. Almeida Filho (1991, p. 8) diz: “Nos seus primórdios e até hoje, em alguma medida, a [Linguística Aplicada] tem sido interpretada [...] como sinônimo de Teoria de Ensino de Línguas.” Hoje em dia, ela é vista num sentido mais amplo. Bohn (1988, p. 26), por exemplo, inclui “tradução e lexicografia”, e, no capítulo “The nature of applied linguistics”, Scidloher (2003, p. 269s.), enumerando os títulos de 25 comissões científicas da AILA, mostra a diversidade desse ramo da ciência. Entre os metalexicógrafos, não há consenso. Hartmann (2001, p. 33) diz que a lexicografia, ao mesmo tempo, é e não é um campo da Linguística Aplicada, mas concorda com o título de Hartmann (1996): “*Lexicography as an Applied Linguistic Discipline.*”

2 Uma versão alemã do artigo de Sčerba (1940) foi publicada em 1982. Limite-me a apresentar os dados bibliográficos da versão inglesa (Shcherba 1995).

SIM, WEISS, 1984).

A enquete de Barnhart (1962) – realizada em 1955 – costuma ser considerada o primeiro de todos esses estudos. Porém, Ronald (2003, p. 286) cita um de 1915, no qual, a bem da verdade, o foco não era o uso de dicionários, e sim a aprendizagem do vocabulário, mas que verificou o efeito da utilização de dicionários nessa aprendizagem (GRINSTEAD, 1915), assunto investigado bem mais tarde – a partir de 1985 – por vários outros pesquisadores (cf., por exemplo, EEDS; COCKRUM, 1985).

Em dezembro de 2006, publiquei o livro *O uso de dicionários: panorama geral das pesquisas empíricas* (WELKER, 2006), no qual resumi 220 relatos de tais trabalhos.

O que significa o adjetivo *empírico* constante do título?

Três dicionários brasileiros o definem da seguinte maneira: “que se baseia na experiência não-metódica”, “aquilo que se baseia na experiência, sem base científica” (*Dicionário de usos do Português do Brasil*), “baseado apenas na experiência e, pois, sem caráter científico” (*Aurélio - Novo Dicionário da Língua Portuguesa*), “baseado na experiência e na observação, metódicas ou não” (*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*).

Percebe-se que as opiniões dos redatores das definições nas duas primeiras obras citadas são bastante depreciativas e desfavoráveis àqueles que realizam estudos empíricos. Já a definição do Houaiss é mais neutra, como também a do *Cambridge Advanced Learner's Dictionary*: “based on what is experienced or seen rather than on theory”. A frase-exemplo dada nesse último dicionário é bem esclarecedora: “This theory needs to be backed up with solid empirical data/evidence.” Na versão inglesa da *Wikipedia* consta:

A central concept in science and the scientific method is that all evidence must be empirical, or empirically based, that is, dependent on evidence or consequences that are observable by the senses. Empirical data is data that is produced by experiment or observation.

Uma nota após essa explicação remete ao dicionário *The American Heritage® Dictionary of the English Language* (Fourth Edition, 2000), no qual *empírico* tem três acepções:

1a. Relying on or derived from observation or experiment: empirical results that supported the hypothesis. b. Verifiable or provable by means of observation or experiment: empirical laws. 2. Guided by practical experience and not theory, especially in medicine.

Parece-me que ficou claro que *empírico* não implica “não científico” ou “não metódico”, mas ainda temos que verificar o que significa “baseado na experiência e na observação”. Sendo *experiência* mais difícil de ser definido e mais polissêmico, vou me ater ao termo *observação*.

Na maior parte da metalxicografia são observados (e, geralmente, analisados e avaliados) fatos: os próprios dicionários, a história da lexicografia, as críticas aos dicionários etc. Portanto, poder-se-ia dizer que os metalexígrafos fazem estudos empíricos, pois baseados na observação.

Entretanto, a área da *pesquisa sobre o uso de dicionários* é diferente, pois há, além dos pesquisadores, grupos de seres humanos envolvidos. Por isso, ela faz interface com a pesquisa social. Nesse campo, *empírico* implica a utilização de certos instrumentos de pesquisa: questionários, observação direta, experimentos etc. (cf. SCHRADER, 1974, p. 5-16). Portanto, no caso específico do uso de dicionários, somente investigações nas quais se empregam tais instrumentos (ou, dito de outra maneira, nas quais há informantes ou sujeitos de pesquisa) podem ser consideradas empíricas. Isso fica claro, por exemplo, em Ripfel e Wiegand (1988, p. 498), Zóigen (1994, p. 29ss.), Hulstijn e Atkins (1998) e Tono (2001, p. 59ss.).³

Por tudo isso, no livro *O uso de dicionários: panorama geral das pesquisas empíricas* não foram resumidos trabalhos nos quais os autores expressem suas opiniões, analisem dicionários para avaliar a adequação dessas obras às necessidades e habilidades dos eventuais usuários ou discorram sobre diversos assuntos ligados ao uso, sem terem empregado algum dos referidos instrumentos.

Os objetivos deste número especial são três: a) mostrar ao público interessado novas pesquisas; b) oferecer a oportunidade aos autores de publicarem relatos de seus estudos sobre o uso de dicionários; c) incentivar outros a pesquisarem sobre o assunto.

No que diz respeito aos trabalhos vindos do exterior, poder-se-ia perguntar por que tais investigações – realizadas em situações específicas que talvez não interessassem os nossos leitores – são divulgadas numa revista brasileira. Respondo que a intenção é simplesmente mostrar quais tipos de pesquisas têm sido feito ultimamente em outras partes do mundo, quais métodos são utilizados, que assuntos são abordados e quais são os resultados. Esses artigos – todos eles relatos de estudos empíricos – não passaram pelo crivo de pareceristas porque seus autores foram convidados.⁴

A situação dos artigos de autores brasileiros é diferente. Primeiro, houve duas

3 Nenhum desses autores define o termo *empírico*, que é usado em muitos outros estudos sobre o uso de dicionários, sem que - naqueles que são de meu conhecimento - haja um esclarecimento sobre o significado. Em Hulstijn e Atkins (1998, p. 7-9) pode-se descobrir uma definição por exclusão, pois, depois de ter incluído “Comparações e resenhas de dicionários” na sua lista de tipos de “pesquisas empíricas sobre o uso de dicionários na aprendizagem de línguas estrangeiras”, os autores reconhecem que “estrictamente falando”, o último item não se refere a estudos empíricos. Wiegand (1998), que discute a pesquisa sobre o uso de dicionários em quase 800 páginas, dando muitas sugestões detalhadas, afirma que essa área está ligada à pesquisa social empírica e que os métodos usados são principalmente a observação, a enquete (por questionário ou entrevista) e o teste ou experimento (p. 569).

4 As versões em português dos resumos desses artigos são de minha responsabilidade.

chamadas para publicação; segundo, todos os trabalhos foram avaliados por pareceristas; terceiro, embora tenha sido dada preferência a estudos empíricos, foram aceitos também relatos de outras pesquisas, desde que ligadas diretamente ao uso de dicionários.⁵

Pelo fato de o tema deste número especial ser muito específico, não há como evitar que ocorram repetições entre os diversos trabalhos no que concerne a afirmações gerais ou à revisão da literatura, por exemplo. Pelo mesmo motivo – isto é, por todos eles tratarem de “uso de dicionários” – considero desnecessário apresentar cada um detalhadamente. Tendo classificado os artigos conforme o tipo de investigação realizada, informo apenas qual foi o assunto estudado. Dentro de cada categoria, eles estão ordenados alfabeticamente de acordo com o sobrenome dos autores; no caso das autoras espanholas, conta, como de costume, o penúltimo sobrenome.

A. Estudos sem informantes

Adriana Cardoso de Moraes e Claudia Xatara discorrem sobre a questão do ensino do vocabulário no Ensino Fundamental brasileiro e sobre os dicionários escolares.⁶

Paula Ávila Nunes e Maria José Finatto comparam quatro dicionários monolíngües de inglês para verificar sua utilidade para alunos brasileiros.

B. Enquetes (geralmente por questionário)

Melissa Bettoni-Techio e Philippe Humblé, além de perguntarem a professores e alunos de inglês sobre o uso de dicionários em geral, investigaram especificamente a consulta aos símbolos fonéticos, incluindo um breve teste entre professores, assim como o uso das gravações da pronúncia em dicionários eletrônicos.

Atipat Boonmoh e Hilary Nesi fizeram uma enquete entre professores e alunos tailandeses de inglês sobre o uso de dicionários eletrônicos portáteis.

Konstantinos D. Chatzidimou averiguou o uso de dicionários em geral por três tipos de usuários gregos: alunos escolares, estudantes universitários e professores.

Ana Teresa Perez Costa investigou, em uma escola particular, o uso de

5 As duas chamadas tiveram o seguinte resultado: 23 autores manifestaram algum interesse ou simplesmente quiseram saber mais detalhes; 14 enviaram trabalhos. Em cinco casos, os autores desistiram de fazer as modificações exigidas pelos pareceristas, ou seja, não rerepresentaram seus trabalhos a tempo. No que concerne aos pareceres, cabe lembrar que não existem normas objetivas e que alguns consultores são menos exigentes do que outros. Agradeço a Prof.ª Cynthia A. Bell dos Santos pela revisão dos resumos em inglês.

6 Em um breve item, as autoras também apresentam as informações obtidas em entrevistas com alguns professores. Incluo o artigo na categoria “A” porque tal pesquisa não é descrita em detalhe, tomando apenas uma pequena parte do trabalho.

dicionários por alunos da idade de 13 ou 14 anos.

Helen Ilza Borges de Oliveira e Herbert Andreas Welker procuraram saber como alunos de um curso de Tradução – divididos em estudantes iniciantes e avançados – utilizam seus dicionários.

C. Pesquisas sobre o uso efetivo

Margarita Cote González e Cristina Tejedor Martínez, relatando três estudos sobre o uso de dicionários bilíngües (espanhol-inglês) por alunos de escolas públicas espanholas, mostram exemplos das dificuldades que surgiram em exercícios de tradução.

Magali Duran, empregando o método do protocolo oral, observou a utilização de diversas obras de consulta por parte de universitários brasileiros durante uma tradução francês-português.

Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão e Regiani Aparecida Santos Zacarias investigaram como cinco alunos brasileiros de um curso de Letras-Ingês utilizaram dicionários bilíngües durante uma atividade de produção de texto.

Sandra Dias Loguercio verificou, mediante um questionário e um teste de leitura, o uso de dicionários bilíngües por alunos brasileiros de Francês Instrumental.

D. Investigações sobre o efeito do uso

Jianing He, empregando como método o protocolo oral, estudou o uso de dicionários de inglês por parte de alunos chineses e também verificou o efeito do uso.

Robert Lew e Julita Pajkowska investigaram a influência de *signposts/guidewords* (sinalizadores ou indicadores de significado) sobre as consultas que aprendizes poloneses de inglês fazem em dicionários monolíngües.

E. Pesquisas sobre o efeito do ensino do uso

Como o assunto estudado foi o mesmo, menciono apenas quais foram os alunos e os tipos de dicionários:

Edna Maria Vasconcelos Martins Araújo: aprendizes brasileiros de inglês; dicionários monolíngües.

Maria del Mar Sánchez Ramos: alunos espanhóis de um curso de Tradução e Interpretação; dicionários eletrônicos.

Desejo a todos uma boa leitura e espero que mais pesquisadores se interessem pelo assunto ao qual este número especial é dedicado.

Herbert Andreas Welker
Universidade de Brasília

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA FILHO, José Carlos P. de. 1991. Maneiras de Compreender Linguística Aplicada. *Revista Letras*, Santa Maria, v. 2, p. 7-15, 1991.
- ARD, Josh. The Use of Bilingual Dictionaries by ESL Students While Writing. *ITL, Review of Applied Linguistics*, v.58, p. 1-27, 1982.
- BARNHART, C. L. Problems in editing commercial monolingual dictionaries. In: HOUSEHOLDER, F. W.; SAPORTA, S. (ed.), *Problems in Lexicography*. Report of the Conference on Lexicography Held at Indiana University, November 11-12, 1960. 2nd ed. Bloomington, 1967. p. 161-181.
- BENSOUSSAN, Marsha; SIM, Donald; WEISS, Razelle. The effect of dictionary usage on EFL test performance compared with student and teacher attitudes and expectations. *Reading in a Foreign Language*, v. 2, n. 2, p. 262-276, 1984.
- BOHN, Hilário I. 1988. *Linguística Aplicada*. In: _____; VANDRESEN, P. (org.), *Tópicos de Linguística Aplicada*. O Ensino de Línguas Estrangeiras. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988. p. 11-39.
- COWIE, Anthony P. *English Dictionaries for Foreign Learners - a History*. Oxford: Clarendon Press, 1999.
- EEDS, Maryann; COCKRUM, Ward A. Teaching word meanings by expanding schemata vs. dictionary work vs. reading in context. *Journal of Reading*, v. 28, p. 492-497, 1985.
- GRINSTEAD, W. J. An experiment in the learning of foreign words. *Journal of Educational Psychology*, v. 6, p. 242-245, 1915.
- HARTMANN, R. K. Lexicography as an Applied Linguistic Discipline. In: _____ (ed.), *Solving Language Problems: From General to Applied Linguistics*. Exeter: The University of Exeter Press, 1996. p. 230-244.
- _____. *Teaching and researching lexicography*. Harlow: Longman, 2001.
- HOUSEHOLDER, Fred W. Summary Report. In: _____; SAPORTA, S. (ed.), *Problems in Lexicography*. Report of the Conference on Lexicography Held at Indiana University, November 11-12, 1960. 2nd ed. Bloomington, 1967. p. 279-282.
- HULSTIJN, Jan H.; ATKINS, B. T. S. Empirical Research on Dictionary Use in Foreign-Language Learning: Survey and Discussion. In: ATKINS, B. T. S. (ed.), *Using Dictionaries. Studies of Dictionary Use by Language Learners and Translators*. Tübingen: Niemeyer 1998. p. 7-19.
- RIPPEL, Martha; WIEGAND, Herbert Ernst. Wörterbuchbenutzungsforschung. Ein kritischer Bericht. *Germanistische Linguistik* 87-90: 491-520, 1988.
- RONALD, James. A Review of Research into Vocabulary Acquisition through Dictionary Use. Part 1: Intentional vocabulary learning through dictionary use. *Studies in the Humanities and Sciences*, Hiroshima Shudo University, v. 44, n. 1, p. 285-307, 2003.
- SCHRADER, Achim. *Introdução à pesquisa social empírica: um guia para o planejamento, a execução e a avaliação de projetos de pesquisa não-experimental*. Porto Alegre: Globo/UFGRS, 1974. p. 5-16.
- SEIDLHOFER, Barbara (ed.). *Controversies in Applied Linguistics*. Oxford: OUP, 2003.
- SHCHERBA, Lev V. 1995. Towards a General Theory of Lexicography. (Trad. inglesa do original de 1940). *International Journal of Lexicography*, v. 8, n.4, p. 314-350.
- SWEET, Henry. *The Practical Study of Languages. A Guide for Teachers and Learners*. London: Dent, 1899.
- TONO, Yukio. *Research on Dictionary Use in the Context of Foreign Language Learning. Focus on Reading Comprehension*. Tübingen: Niemeyer, 2001.
- WELKER, Herbert A. *O Uso de Dicionários: Panorama geral das pesquisas empíricas*. Brasília: Thesaurus, 2006.
- WIEGAND, Herbert E. Nachdenken über Wörterbücher: Aktuelle Probleme. In: DROSDOWSKI, G.; HENNE, H.; WIEGAND, H. E., *Nachdenken über Wörterbücher*. Mannheim: Bibliographisches Institut, 1977. p. 51-102.
- _____. *Wörterbuchforschung. Untersuchungen zur Wörterbuchbenutzung, zur Theorie, Kritik, Geschichte und Automatisierung von Wörterbüchern*. Bd. 1. Berlin: de Gruyter, 1998.
- ZÖFGEN, Ekkehard. *Lernerwörterbücher in Theorie und Praxis*. Tübingen: Niemeyer, 1994.